

O CAVALO CABEÇA

António T

escreve

Cristina Malaqu



Era uma vez um cavalo sem cabeça.
brincar, um cavalo de balancé.

Onde tinha ido parar a cabeça, ele não
velho, todo estragado e também muito e

– Guarda-se cada coisa mais inútil – disse
Eram dois homens, que estavam incumbidos
daquela casa de arrumos, para transformá-la
noutra divisão qualquer. Iam abrir janelas,
assoalhar o chão. Mas primeiro tinham de
que não prestasse.

As tralhas retiradas da arrecadação amon-
terreno, ao sol. Mais pareciam sobras de um

Eram malas que não fechavam. Maple
Cadeiras sem pernas. Guarda-chuvas sem
meio podre, bolorento, cheio de pó e teias d

– Guarda-se cada coisa mais inútil – ve
homem, que não devia saber dizer outra coi

No cimo do monte de tarecos, o cavalicoq
Se tivesse cabeça, devia apreciar o destaque

– Deita-se-lhes fogo – propôs um dos ho
Assim fizeram. As labaredas roeram de b
o que havia a roer. Caíram destroços de coisa
em destroços. Fumo. Lume. Cinzas.

Anoitecia. O cardume de fogo assarapant
uma fogueira majestosa.

Estilhaçadas e afundadas pelas labared
deixavam de ser o que eram. Só o caval

escuro do firmamento. Tinha cabeça, crina labaredas, o corpo em brasa viva. Era ágil um grito. Desvaneceu-se no azul da noite.

Logo após a fogueira ruiu, esbarrondou-se torresmos incandescentes.

Mas o cavalo de fogo eu vi. Ia a passar por relance, como um relâmpago, o cavalo em tudo o que se desfazia em cinzas e pular p das estrelas.

Garanto que vi. Se não visse não contava

Até me recordei, de repente, se não ter criança, um cavalo de madeira, que cavalgava, sem passar do mesmo sítio. Te ideia que sim.

Só não me lembro do nome que lhe "Labareda". Seria "Labareda"? A gente esque entretanto.

FIM